

VIII Seminário de Pesquisa em
Educação Matemática
De 18 a 19 de novembro
Colégio de Aplicação - UFRJ

Sociedade Brasileira de Educação Matemática - Regional Rio de Janeiro

A ESCRITA DO TEXTO ETNOMATEMÁTICO DE UBIRATAN D'AMBROSIO

Fabio Lennon Marchon

Universidade Federal Fluminense

fabiolen@gmail.com

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns dos caminhos trilhados em uma pesquisa em nível de doutorado, ainda em andamento, que prioriza a escrita da Etnomatemática. A investigação realiza uma hermenêutica do texto etnomatemático assinado por Ubiratan D'Ambrosio. O referencial filosófico que fundamenta o movimento analítico-interpretativo deste empreendimento dialoga com a perspectiva do filósofo francês Paul Ricoeur. A metodologia busca inspiração nas orientações feitas para a Hermenêutica de Profundidade (HP) de John B. Thompson. Observam-se, dentre outras, aspectos da escrita da história a partir da escrita da Etnomatemática, a estrutura e os elementos da narrativa do texto etnomatemático e as maneiras como os sentidos são mobilizados com uso das formas simbólicas para estabelecer e sustentar (ou subverter) relações de dominação (poder) no interior do mundo do texto etnomatemático d'ambrosiano. Além disso, perseguem-se novos possíveis sentidos-significados para o sinal-palavra "Etnomatemática". Os resultados, ainda parciais, indicam que a narrativa construída por Ubiratan se desenvolve próximo ao que, nos estudos literários, é chamado de paradigma apocalíptico. Faz-se uma reconfiguração das ações no interior do mundo do texto criando com isso uma quase ficção da realidade.

Palavras-chave: Hermenêutica; Etnomatemática; Narrativa; Ideologia; Historiografia.

1. Introdução

Este trabalho apresenta alguns dos caminhos percorridos por uma pesquisa em nível de doutorado, ainda em construção, que busca realizar uma hermenêutica do texto etnomatemático d'ambrosiano. O texto como ponto de partida e de chegada da análise.

Estabelece-se como prioridade deste trabalho refletir sobre o texto etnomatemático daquele que é identificado como o "pai" da Etnomatemática (GERDES, 2010). A figura central desta pesquisa é Ubiratan D'Ambrosio, mas o objeto de estudo,

aquele sobre a qual esta investigação se debruça é, de fato, o seu texto (o que se compreende por texto será posteriormente especificado).

Usa-se nesta pesquisa a expressão “texto etnomatemático d’ambrosiano” e, sobre isso, algumas observações. A adjetivação “d’ambrosiano” que compõe a expressão tem por finalidade localizar/especificar quem assina o texto (o seu autor), um tipo específico de texto. Existe, no entanto, uma problemática contemporânea em torno do conceito de autoria que deve ser ultrapassada (o que não significa esquecer ou descartar tal problemática) para que a consideração anterior faça sentido e seja coerente dentro do escopo desta pesquisa.

Sobre a noção de autoria, um tema problemático e que tem suscitado debates acalorados de ordem epistemológica, muito há o que se falar¹. Alguns pesquisadores contemporâneos (dentro de uma perspectiva pós-moderna) atestam o “desaparecimento do autor” (FOUCAULT, 2006; BARTHES, 1987), ou mesmo o esfacelamento da noção de obra. Este trabalho se desvia desta problemática e opta por tratar apenas de alguns aspectos que incidirão sobre a escolha do material de análise. Opta-se neste caso por aceitar o pertencimento histórico e sociocultural desta produção simbólica². Assim, em uma perspectiva pragmática, assumindo-se que existe uma legislação que atesta a existência desta figura, a do autor³, evita-se o debate em torno da sua não existência. E ainda neste sentido, uma estratégia adicional é observar os dados referentes à catalogação das obras escritas, ou seja, observar a ficha catalográfica dos livros produzidos e divulgados por Ubiratan. Os dados devem necessariamente trazer “D’Ambrosio, Ubiratan” no espaço destinado ao “autor” da obra, entendido como o autor principal, o artesão do texto.

¹ O texto é um objeto fetiche e esse fetiche me deseja. O texto me escolheu, através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas: o vocabulário, as referências, a legibilidade, etc.; e, perdido no meio do texto (não atrás dele ao modo de um deus de maquinaria) há sempre o outro, o autor. Como instituição, o autor está morto: sua pessoa civil, passional, biográfica, desapareceu; desapossada, já não exerce sobre sua obra a formidável paternidade que a história literária, o ensino, a opinião tinham o encargo de estabelecer e de renovar a narrativa: mas no texto, de uma certa maneira, eu desejo o autor: tenho necessidade de sua figura (que não é nem sua representação nem sua projeção), tal como ele tem necessidade da minha (salvo no “tagarelar”). (BARTHES, 1987: 37)

² A questão da atribuição remete à questão da autoria. A autoria é um construto e, conseqüentemente, o conceito de autoria varia de acordo com o tempo e o espaço, ou seja, é social e historicamente construído. Ao longo da história, entretanto, sempre esteve relacionado a uma tensão entre a alteridade e a subjetividade. A autoria era atribuída às musas, depois aos deuses, aos gênios, a Deus, e, finalmente, ao inconsciente ou à linguagem. (BRISOLARA, 2013: 2)

³ Atualmente a lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (posteriormente atualizada pela lei 12.583) regulamenta a legislação referente ao direito autoral³. Nesta lei, no artigo 11, diz-se que “Autor é a pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica”.

Todo e qualquer outro texto atribuído a Ubiratan, por ele assinado, no qual se possa dizer que se trata da inscrição do seu discurso e do qual ele seja identificado como o autor, será utilizado como fonte adicional de informação. A diferença básica entre material principal e adicional diz respeito ao tratamento destinado a estes textos. A distinção ficará a cargo do modo de recepção, leitura e interpretação.

O que marca a distinção dos modos de recepção? A hermenêutica do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), que inspira e fundamenta esta pesquisa, está entre dois pontos extremos: o da *desmistificação de uma ilusão* e o da *restauração de um significado* que se encontra diretamente na mensagem. Ação interpretativa que põe em jogo uma dialética da *distanciação* em relação à obra e de *apropriação* da mensagem do texto (RICOEUR, 1978; 2007). Seguindo o exemplo da hermenêutica deste filósofo estabelece-se uma atitude de suspeita e de escuta diante do texto⁴. O material adicional será tratado a partir de uma postura muito mais de “escuta” que de “suspeita”, o mesmo não ocorrendo com as obras selecionadas para a efetiva análise-interpretação.

2. Texto e mundo do texto

Entenda-se aqui texto como o mesmo que de *inscrição do discurso*⁵ (RICOEUR, 2007). O *texto*, entendido aqui como “qualquer discurso fixado pela escrita” (RICOEUR, 2007:106), nasce (é produzido) no *mundo da ação* (RICOEUR, 2007;

⁴De acordo com Grondin (1999), “Enquanto a hermenêutica da suspeita olha para trás, para reconduzir pretensões de sentido, reducionisticamente, a uma energética ou economia que funciona por detrás delas, a hermenêutica da confiança se dirige para diante, para o mundo, que nos abre o sentido a ser interpretado. Esta hermenêutica não se entrega, no entanto, de forma ingênua, à sedução do sentido imediato. Inicialmente, ela se deixa ensinar pela hermenêutica da suspeita e assume, enquanto a mesma é contestável, a sua destruição das ilusões da falsa consciência. Mas esta destruição deixa totalmente em aberto a questão do significado. A consciência, libertada de suas ilusões, anseia, antes, como depois, por orientação. (GRONDIN, 1999: 44).

⁵ Tradução nossa: “Digamos que um texto é qualquer discurso fixado por escrito [...] quer dizer que o discurso tem de ser pronunciado inicialmente em uma forma física ou mental? Que toda a escrita foi inicialmente, pelo menos, de uma forma potencial, falada? em suma, qual é a relação do texto com a fala? Somos tentados a dizer que toda a escrita é adicionado algum discurso anterior. Se por discurso [parole] entendemos, com Ferdinand de Saussure, a realização da língua [Lague] em um evento do discurso, a produção de um enunciado individual por um falante individual, em seguida, cada texto está na mesma posição que o discurso com respeito à linguagem. Além disso, a escrita como instituição é posterior à fala e parece fixar apenas em um roteiro linear todas as articulações que já apareceram por via oral [...] onde a convicção de que a escrita é discurso fixo, que a inscrição, seja gráficos ou gravação, é a inscrição do discurso - uma inscrição que, graças ao caráter subsistente da gravura, garante a persistência da fala” (RICOEUR, 2007, p.106). E o discurso, como entendê-lo? É correto assumir que “Discurso é um exemplo empiricamente atestado de linguagem (um filme, um conto, um romance, um poema, uma pintura, um fragmento de conversa cotidiana, etc. são discursos)” (PINTO, 2009. P.10), de onde se extrai que a linguagem é, neste caso, entendida em seu sentido mais abrangente, como um sistema semiótico.

2013; 2012a), sendo a *narrativa* das ações desse mundo uma forma de discurso. O *mundo da ação* é o local em que emergem conflitos, tensões e contradições associadas às experiências e vivências dos homens, local da ação propriamente humana. A relação do homem com essas experiências (essa realidade, o que quer que seja tal coisa) é indireta, mediatizada pela linguagem que, pela *narrativa* (historiográfica e/ou literária), se aproxima da *ficção* – “ficção e história pertencem à mesma classe quanto à estrutura narrativa” (RICOEUR, 2012a: 267) – para reconfigurar a ação humana. Contudo, o hermenêuta enfatiza que “não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível [...]” (RICOEUR, 1990: 56).

Criam-se novos mundos possíveis, seja pela imitação ou representação (*mimese* e *diegese*), no interior do *mundo do texto*. O modelo de mundo descrito por Ubiratan, a partir de um ponto de vista da Etnomatemática, institui um destes mundos possíveis.

3. Tensão, conflito e disputa

O texto etnomatemático d’ambrosiano, produzido em um espaço-tempo específico, é divulgado em um cenário de tensão política e ideológica em torno das questões socioculturais da Educação Matemática. Embate que ocorre tanto no plano simbólico quanto no plano sócio-político das ações humanas (e que estão associadas às experiências e vivências de Ubiratan D’Ambrosio).

Admite-se que muitas destas tensões sejam repassadas pelo seu discurso para sua escrita. Há, neste caso, por parte deste autor-pesquisador uma interpretação e tradução dos dramas vividos no mundo da ação e que se incorporam à sua narrativa (em seu mundo do texto).

Observe-se, por exemplo, o fragmento extraído do prefácio da segunda edição do seu livro *Da Realidade à Ação*:

Ter o livro em segunda edição representa uma vitória, modesta mais significativa, contra as barreiras da censura formal, exercida por aqueles que se sentem ameaçados e pela censura velada da crítica manipulada. Aqueles que, por compartilhar dos mesmos ideais, têm sido agredidos por essas mesmas armas ao longo da sua missão de educadores, repito o que disse um grande mestre: “perdoname, amigo, de la ocasion que te he dado de parecer loco como yo, haciendote caer em el error en que yo he caído, de que hubo y hay caballeros andantes em el mundo”. (D’AMBROSIO, 1986: 8)

Existe uma ameaça, uma censura velada, existem também críticas e os que são agredidos por compartilhar dos mesmos ideais que Ubiratan. Pode-se assumir que existe realmente uma luta sendo travada no plano simbólico, em particular no texto.

Veja-se, por exemplo, que “a etnomatemática, as etnociências em geral, e a educação multicultural, vêm sendo objeto de críticas: por alguns, como resultado de incompreensão; por outros, como um protecionismo perverso” (D’AMBROSIO, 2011: 10), e, neste caso, protege-se a mesmice, sendo que “a grande meta é a manutenção do *status quo*, maquiado com o discurso enganador da mesmice com qualidade” (idem).

4. Aspectos teóricos e metodológicos

O referencial metodológico da *Hermenêutica de Profundidade*, proposta por Thompson (2011), estabelece três dimensões complementares que se mesclam no processo de análise-interpretação da produção simbólica: (i) *Análise sócio-histórica* - tem por objetivo “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2011: 366); (ii) *Análise discursiva (ou formal)* - pode ser composta por um complexo analítico voltado especificamente para o texto (análise semiótica, sintática, narrativa, argumentativa, da conversação, etc.); (iii) *Interpretação/reinterpretação* - Esta última etapa ultrapassa as análises precedentes, pois, de acordo com o pesquisador britânico, esta fase “transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados” (THOMPSON, 2011: 376).

Além das supracitadas dimensões, o pesquisador enfatiza a importância de uma hermenêutica da vida cotidiana, identificada por ele como parte integrante de uma interpretação da *Doxa*. Para ele, “a hermenêutica da vida cotidiana é um ponto de partida primordial e inevitável do enfoque da HP” (THOMPSON, 2011: 363).

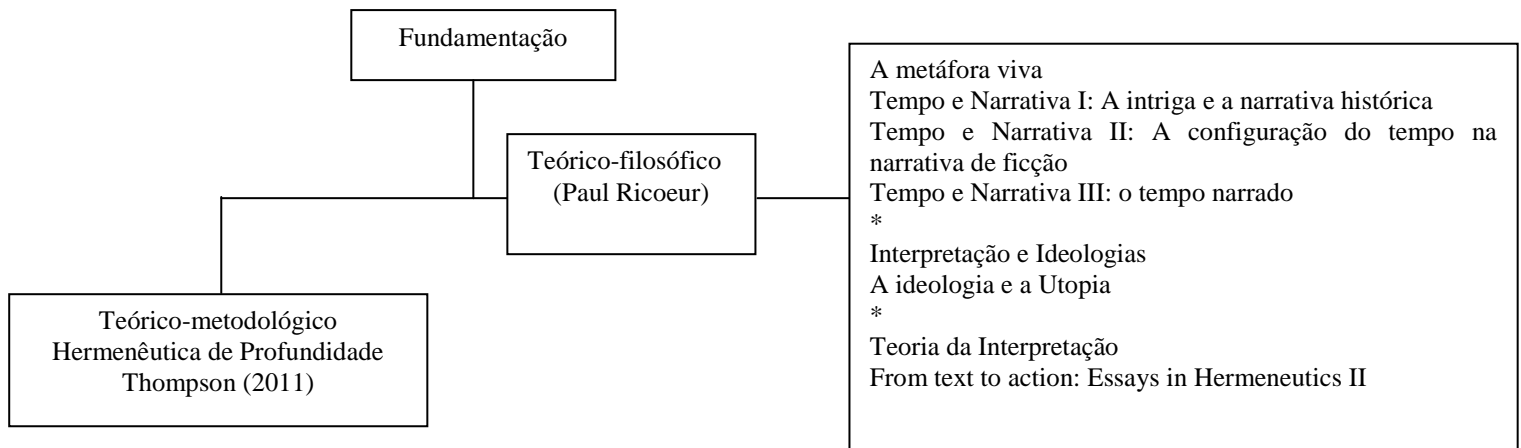


Figura 1: Fundamentação teórica e metodológica
Elaboração própria

4.1. Diálogos, interfaces e diferentes olhares

Estabelece-se uma indissociável relação entre teórico e metodológico que, incorporados ao processo de produção da escrita da pesquisa, alcançam outras possibilidades a partir dos diálogos extraídos da obra ricoeuriana.

O referencial metodológico estabelece uma dimensão de análise identificada como “análise discursiva (ou formal)”, que permite desenvolver um complexo analítico voltado especificamente para o texto (análise semiótica, sintática, narrativa, argumentativa, da conversação, etc.). Pode-se, evidentemente, priorizar um a outro, mas isto não é algo necessariamente exigido pelo método. Muitos são os personagens que habitam a obra ricoeuriana e que, cada um ao seu modo, empresta sua voz para compor a sua narrativa. Adota-se este mesmo procedimento.

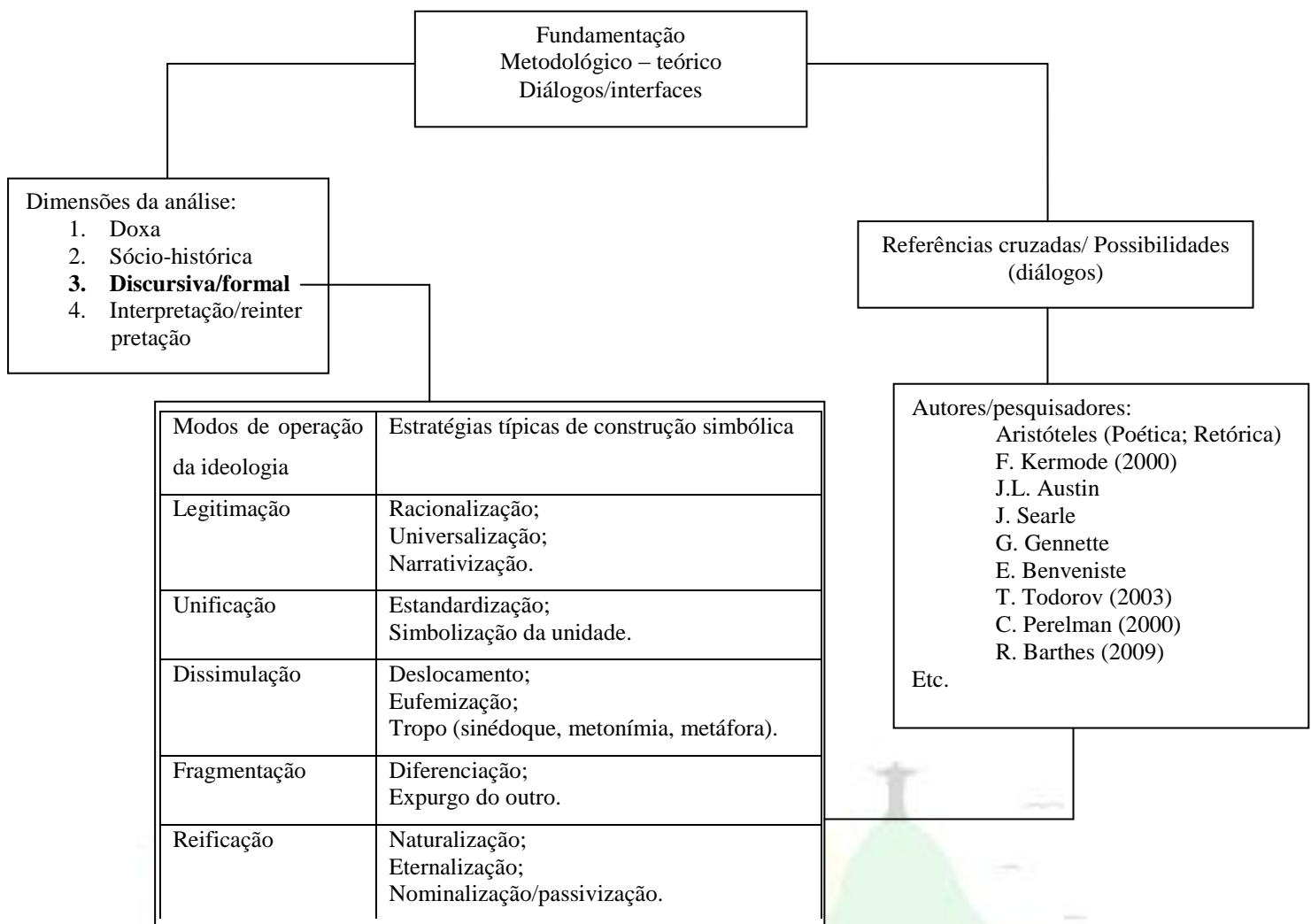


Figura 2: Diálogos e interfaces a partir da fundamentação teórica
Elaboração própria

A escrita do texto deste trabalho persegue o caráter “dialógico” que pode ser facilmente verificado nas obras do filósofo francês Paul Ricoeur; a influência do trabalho deste hermenauta faz parte desta pesquisa. Afinal, “as obras de Ricoeur se interessam por uma florescente diversidade de disciplinas” (GRONDIN, 2012, p.95), de modo que se pode afirmar que o “[...] trabalho de pensamento de Paul Ricoeur, colocando em diálogo os mais diferentes autores, respeitando-lhes o trabalho e extraindo deles o mais relevante ao desenvolvimento de sua própria investigação” (GENTIL in RICOEUR, 2012a, XI).

Assim, dentro deste quadro, investe-se no diálogo com outras referências e se aposta na aproximação com outras áreas de estudos e pesquisa, sendo o campo da linguagem o mais representativo. Diferentes olhares atravessam este texto. Busca-se

ouvir as diferentes vozes que, a partir dos seus respectivos lugares, se debruçam sobre problemas correlatos aos que aqui surgem. Destacam-se: (a) Estudos da Linguagem: lingüística do texto, discurso, narrativa, argumentação, retórica, etc.; (b) Historiografia e narrativa; (c) Ideologia, utopia e linguagem; (d) Estudos literários: análise e crítica literária; a escrita literária; ficcionalização da realidade.

4.2. Material de análise-interpretação

O recorte temporal referente ao material a ser analisado-interpretado está necessariamente atrelado à emergência dos produtos simbólicos (textos escritos) que Ubiratan busca divulgar. Existe uma “historiografia da Etnomatemática” (KNIJNIK, 2004; CONRADO, 2005; GERDES, 1994; D’AMBROSIO, 1986; 1990; 2011; VALENTE, 2007), que aponta como decisivo a sessão plenária proferida por D’Ambrosio em 1984 e, portanto, todo o material produzido por Ubiratan a partir desta data passa a ser relevante para a pesquisa. As **obras principais** escolhidas para estudo, análise e interpretação: (1) Socio-cultural bases for Mathematics education (1985); (2) Da Realidade à Ação: Reflexões sobre Educação e Matemática (1986); (3) Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer (1990); (4) Educação para uma sociedade em transição (1999); (5) Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade⁶ (2001).

Destacam-se, além disso, como fonte adicional de informação, os seguintes textos complementares: (a) **Entrevistas extraídas de:** (1a) VALENTE, Wagner Rodrigues (ORG). Ubiratan D’Ambrosio: conversas; memórias; vida acadêmica; orientandos; educação matemática; etnomatemática; história da matemática; inventário sumário do arquivo pessoal. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPQ 2007; (2a) VIANNA, Carlos Roberto. Vidas e circunstâncias na Educação Matemática. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000; (3a) D’Ambrosio, Ubiratan. Manifestações criativas. In Pellanda, Luís Henrique. Rascunho. Leituras cruzadas, ano 9, n.102. Curitiba, Outubro de 2008. P.20; (4a) Ubiratan D’Ambrosio. O contexto internacional do surgimento da Educação Matemática e a Fundação da SBEM. In Muniz, Nancy Campos. Relatos de Memórias: a trajetória histórica de 25 anos da sociedade Brasileira de Educação Matemática (1988-2013). São

⁶ Neste trabalho recorre-se a 4ª edição, em sua 1ª reimpressão, de 2011.

Paulo: Editora Livraria da Física, 2013; e (b) **Artigos e/ou obras** assinadas por Ubiratan: (1b) Reminiscências pessoais de minha atuação enquanto Presidente do Comitê Interamericano de Educação Matemática/CIAEM (2003); (2b) Ethnomathematics and Its Place in the History and Pedagogy of Mathematics; (3b) Como foi gerado o nome etnomatemática ou alustapasivistykseletys; (4b) Etnomatemática: Um programa.; (5b) Overall goals and objectives of mathematics education; (6b) Uma História Concisa da Matemática no Brasil; (6b) A Transdisciplinaridade como acesso a uma história holística.

5. Hipóteses e questões

Algumas questões que contribuíram para esta jornada investigativa, para compor os caminhos da pesquisa, até este momento, são: Quais são os modos de operação da ideologia e quais as respectivas estratégias típicas de construções simbólicas empregadas no mundo do texto etnomatemático de Ubiratan D'Ambrosio? Que elementos podem ser acrescidos à historiografia da Etnomatemática d'ambrosiana a partir do seu mundo do texto etnomatemático? Que Etnomatemática se *insinua* no texto etnomatemático d'ambrosiano? Como se apresenta a composição da intriga na narrativa do texto etnomatemático d'ambrosiano? Que “*tékhne*” é esta da “tica” da “etnomatemática”?

Busca-se evidenciar que Ubiratan usou todos os recursos possíveis em sua escrita para lutar as batalhas originárias do seu mundo da ação e que são repassadas para o plano simbólico, para o seu mundo do texto. Assume relevância neste ponto os modos como ele usa a linguagem (escrita) para resistir aos ataques, convencer e persuadir o público leitor, responder os seus críticos e, por fim, criar um modelo possível de mundo a partir do seu discurso etnomatemático.

Defende-se ainda que Ubiratan foi levado a subverter a lógica da escrita dissertativa acadêmica para construir seu modelo utópico (sociedade, educação, homem, etc.). Em uma tentativa de demonstrar esta mudança paradigmática na escrita e que, no geral, torna-se o seu traço distintivo – o “estilo é um trabalho que individua” (RICOEUR, 1990: 52) e é capaz de designar retroativamente o autor da obra, nesse caso do texto escrito –, argumenta-se em favor da idéia de que o texto etnomatemático

d'ambrosiano se aproxima daquilo que se pode denominar a *poiésis* (no sentido ricoeuriano do termo aristotélico) da Educação Matemática.

Lembra-se também que:

O escritor recria a realidade caótica da vida, ampliando, reduzindo, inventando o que for necessário para construir um mundo novo e coerente, com o qual o leitor possa se deleitar, desde que a história (tenha ela ocorrido ou não) seja convincente (KOHAN, 2015:8).

E, também, neste sentido, tenta-se demonstrar que Ubiratan se apropria de elementos da escrita literário-ficcional com intuito de convencer e persuadir seus leitores a respeito da validade das suas propostas, criando uma narrativa quase-ficcional dos eventos históricos (em especial aqueles referentes à emergência da Etnomatemática). A relação do homem suas experiências (essa realidade, o que quer que seja tal coisa) é indireta, mediatizada pela linguagem que, pela *narrativa* (historiográfica e/ou literária), se aproxima da *ficção* – “ficção e história pertencem à mesma classe quanto à estrutura narrativa” (RICOEUR, 2012a: 267) – para reconfigurar a ação humana. O hermeneuta enfatiza que “não há discurso de tal forma fictício que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível [...]” (RICOEUR, 1990: 56). Cria-se uma ficção da realidade quando se inscreve o discurso (aquele que provém do mundo da ação) e, reciprocamente, existe uma carga de realidade em qualquer ficção materializada no universo literário. Assim, não é incorreto afirmar que “a realidade cotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera sobre o real” (RICOEUR, 1990: 57). Faz-se a reconfiguração, a mimese, das experiências humanas a partir da escrita.

Persegue-se a trama elaborada por D'Ambrosio e analisa-se a composição da intriga em sua narrativa. E, ainda seguindo este caminho, tenta-se evidenciar o uso de técnicas próprias da retórica em seu texto escrito. E, por fim, pretende-se demonstrar que Ubiratan recorreu a diferentes maneiras de mobilizar os sentidos com objetivo de estabelecer e sustentar (ou subverter) relações de poder-dominância no interior do seu mundo do texto.

É possível que existam aspectos esquecidos pela “historiografia da Etnomatemática d'ambrosiana” ou, na melhor das hipóteses, aspectos que foram pouco explorados. Uma história que se confunde com a própria história de Ubiratan e que,

neste caso, deve ser revisitada pela ação analítico-interpretativa. Seria possível reescrever, com mais detalhes essa história?

6. A composição da intriga

A pesquisa apresenta diversos desmembramentos. Opta-se por apresentar apenas um deles, a saber, o que busca desvelar a composição da intriga da narrativa etnomatemática de Ubiratan. Deixa-se de lado neste momento a dimensão histórica.

Ao assumir que “*Mathematics Education is going through probably the most critical period in its history*”⁷ (D’AMBROSIO, 1985: 7), o matemático e educar estabelece para seu leitor a existência de um momento de crise da qual a Etnomatemática se apresenta como personagem principal, a possibilidade de mudança – “[...] sou levado a acreditar que minha proposta educacional representa esperança de redenção para alguns e ameaça para outros” (D’AMBROSIO, 1986: 8). A transição de um cenário a outro, de um momento crítico a um novo período, talvez inexistente dentro de uma perspectiva factual, é necessariamente parte da trama da narrativa da etnomatemática de Ubiratan. Fala-se de um futuro por vir:

A atual será provavelmente a fase mais importante da educação matemática em toda a sua história, mas isto se nos encaminhamos para uma nova educação matemática, sem as obsolescências que a caracterizam hoje em dia. É em busca desse futuro que dirigimos nossa atenção, e nossa proposta curricular é parte dessa preocupação (D’AMBROSIO, 1990: 21-22)

A crise é a força perturbadora de um sistema já decadente, da qual a atual fase é descrita como a mais dramática. Esse momento de crise pode ser tomado como o ponto de partida do projeto utópico da então emergente Etnomatemática. E, possivelmente, a tensão representada pela crise seja o núcleo da composição da intriga da narrativa etnomatemática d’ambrosiana. É a crise que permite que a ação tenha início no *texto* e que, além disso, lance o leitor em direção a tempo futuro idealizado. Neste ponto cabe observar o uso do *paradigma apocalíptico* (RICOEUR, 2012a). Este conceito é extraído de Kermode⁸ (2000). A crise instituída pelo pensamento apocalíptico permite que a

⁷ Tradução nossa: Educação Matemática está atravessando, provavelmente, o período mais crítico de sua história (D’AMBROSIO, 1985:7).

⁸ “Crise é uma maneira de pensar sobre um momento, e não inerente ao próprio momento. [...] A ficção de transição é nossa maneira de registrar a convicção de que o fim é imanescente ao invés de iminente; ele

narrativa se estruture em sequência de ações, até o momento do fim emblemático, pode-se dizer que de proporções bíblicas, que exige da narrativa uma reviravolta da ação para que o grande fim não ocorra de modo irreversível – “*its shadow still lies on the crises of our fictions; we may speak of it as immanent.*”⁹(KERMODE, 2000:6). A escrita literária permite criar uma ficção temporal que é identificada como transição entre o início e o fim de um período, em que o apocalipse representa o caso extremo – “a reviravolta é magnificada pelo modelo apocalíptico na medida em que o fim é a catástrofe que abole o tempo e que é prefigurada pelos ‘terrores dos últimos dias’” (RICOEUR, 2012a: 126).

Por exemplo, no capítulo intitulado “Etnomatemática na civilização em mudança” (D’AMBROSIO, 2011: 69), afirma-se que “estamos caminhando para uma civilização planetária” (D’AMBROSIO, 2011: 70). O tempo atual, afirma o pesquisador, é marcado por “uma crise ética” (idem) e não apenas de valores. Veja-se que existe um lapso de tempo entre a produção de um texto e outro, mas, apesar dessa distância, a ação continua a se desenrolar em direção a um futuro melhor (cada vez mais distante da crise?).

Assim, se no passado e no presente a história da narrativa etnomatemática d’ambrosiana sobre a história da Educação pode criar angústia, medo e preocupação (D’AMBROSIO, 1990: 38) – tanto para quem narra (o próprio autor) quanto para os seus leitores – a alternativa apresentada (a Etnomatemática) traz esperança: “renovamos nossa esperança em uma proposta que estabelece a dignidade da espécie como valor absoluto” (D’AMBROSIO, 1990: 38). É necessário, nesta trama, avançar no tempo, alcançar o futuro idealizado, sair da mesmice e ultrapassar os discursos enganadores (D’AMBROSIO, 2011: 10). É necessário ainda priorizar o ser do homem e sua dignidade. Do conflito simbólico à luta real. A proposta da Etnomatemática é “conduzir a humanidade, como um todo, a dias melhores” (D’AMBROSIO, 1990: 78).

reflete nossa falta de confiança nas extremidades, nossa desconfiança em relação à proporção da história para épocas [...]” (KERMODE, 2000: 101). Tradução própria.

⁹ Tradução nossa: “sua sombra ainda se encontra nas crises de nossas ficções; podemos falar dele como imanente” (KERMODE, 2000:6).

7. Considerações Finais

As conclusões da pesquisa, ainda em construção, são parciais e contribuem para o debate em torno dos fundamentos teóricos da Etnomatemática produzida e divulgada por Ubiratan D'Ambrosio.

Reconhece-se a necessidade de maior aprofundamento da investigação. As tensões no interior do texto são evidenciadas por ações que ligam um antes a um depois (recuperação da dignidade, superar as barreiras discriminatórias, manutenção de estado, mesmice). O núcleo da intriga, seu início, ocorre com a constatação da crise (tempo presente), fruto da história anterior (tempo passado). Uma trama que evidencia uma condição indigna para o ser do homem e, desse ponto, as mudanças qualitativas nas discussões na Educação Matemática que conduzem a trama ao novo horizonte (tempo futuro), a um novo mundo, estão atrelados à ascensão da perspectiva etnomatemática.

A Etnomatemática surge como personagem (quase fictício; personagem heróico) nessa história da história da Educação Matemática. É aquele (programa de estudos e pesquisas) que é capaz de modificar o estado inicial da trama; é o caminho para se resgatar a dignidade cultural dos grupos oprimidos e silenciados pela história colonizadora marcada pela opressão social e pelo abuso de poder. O fim dessa trama, no entanto, permanece em aberto, inacabado, ainda por vir.

8. Referências

ARISTÓTELES. **A arte poética** (texto integral). São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2011.

BARTHES, Roland. **O Prazer do texto**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BRISOLARA, Valéria Silveira. **AUTORIA E ATRIBUIÇÃO EM REDES SOCIAIS**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CONRADO, Andréa Lunkes. **A pesquisa brasileira em etnomatemática: desenvolvimento, perspectivas, desafios**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2005.

D'AMBROSIO, Ubiratan. (1979). Overall goals and objectives of mathematics education. In: **New Trends in Mathematics Teaching IV**. UNESCO/ICMI, Paris, 1979. pp. 180–198.

D'AMBROSIO, Ubiratan. A Transdisciplinaridade como acesso a uma história holística. In WEIL; D'AMBROSIO, U. e CREMA, R. **Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento**. São Paulo: Summus, 1993.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Como foi gerado o nome etnomatemática ou alustapasivistykselitys. **Anais do Encontro de Etnomatemática do Rio de Janeiro (ETNOMAT-RJ)**. Niterói, de 25 a 26 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.etnomatrj.uff.br/imagens/DAmbrosio_etnomatrj.pdf>.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Da realidade à ação: reflexões sobre Educação e Matemática**. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papirus, 1999.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Ethnomathematics and its Place in the History and Pedagogy of Mathematics. In Poewll, Arthur B.; Frankenstein, Marilyn (Eds.). **Ethnomathematics: Challenging Eurocentrism in Mathematics Education**. Albany, New York: State University of New York Press, 1997. P.13-24.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar ou conhecer**. São Paulo: Ática, 1990.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo Entre as Tradições e a Modernidade**. Coleção tendências em Educação Matemática, 4. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Socio cultural bases for Mathematics education**. São Paulo: UNICAMP, 1985.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Uma história concisa da matemática no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

D'Ambrosio, Ubiratan. Manifestações criativas. In Pellanda, Luís Henrique. **Rascunho; Leituras cruzadas**, ano 9, n.102. Curitiba, Outubro de 2008.

D'AMBROSIO, Ubiratan. (2003). **Reminiscências pessoais de minha atuação enquanto Presidente do Comitê Interamericano de Educação Matemática/CIAEM**. Página oficial de Ubiratan D'Ambrosio: Etnomatemática. disponível em <http://ubiratandambrosio.blogspot.com.br/p/textos.html>. Acesso em: 10/11/2015.

D'AMBROSIO, Ubiratan. O contexto internacional do surgimento da Educação Matemática e a Fundação da SBEM. In Muniz, Nancy Campos. **Relatos de Memórias: a trajetória histórica de 25 anos da sociedade Brasileira de Educação Matemática (1988-2013)**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

GENETT, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê, 2009.

GERDES, Paulus. **Da etnomatemática a arte-design e matrizes cíclicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GERDES, Paulus. Reflections on Ethnomathematics. **For the Learning of Mathematics**, 14, n.2: 19-22. Vancouver: FLM Publishing Association, 1994.

- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- KERMODE, Frank. **The sense of an ending: studies in the theory of fiction**. New York: Oxford University Press, 2000.
- KNIJNIK, Gelsa. (2004). Itinerários da etnomatemática: questões e desafios sobre o cultural, o social e o político na educação matemática. In KNIJNIK, G.; WANDERER F.; OLIVEIRA, C. J. (Org.). **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 19-38.
- KOHAN, Silvia Adela. **Como narrar uma história: da imaginação à escrita: todos os passos para transformar uma idéia num romance ou num conto**. Belo Horizonte: Editora Gutemberg, 2015.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- PINTO, Milton José. A mensagem narrativa. In BARTHES, Roland (et al.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. pp.7-18.
- RICOEUR, Paul. **A Ideologia e a Utopia**. São Paulo: Autêntica, 2015.
- RICOEUR, Paul. Entre o tempo e a narrativa: concordância/discordância. **Kriterion**, n.125. Belo Horizonte, 2012. p. 299-310. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v53n125/15.pdf>>. Acesso em 21/05/2016.
- RICOEUR, Paul. **From Text to Action: Essays in hermeneutics II**. Evanston: Northwestern University Press, 2007.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICOEUR, Paul. **O Discurso da ação**. Lisboa: Edições 70, 2013.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 1: A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção**. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 3: O tempo narrado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012c.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- SEARLE, John R. **Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- THOMPSON, John. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- VALENTE, Wagner Rodrigues (ORG). **Ubiratan D'Ambrosio: conversas; memórias; vida acadêmica; orientandos; educação matemática; etnomatemática; história da matemática; inventário sumário do arquivo pessoal**. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPQ, 2007.

VIANNA, Carlos Roberto. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.

